

Documentos de identidade

uma introdução à teoria do currículo¹

Maria Lêda Lóss dos Santos²

Tomaz Tadeu da Silva, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem se dedicando ao estudo das teorias sobre currículo e posicionando-se em defesa de uma teoria curricular alinhada às teorias pós-críticas. Prova disso são suas publicações individuais ou em parceria com teóricos como Michel Apple, Pablo Gentili, Antonio Flávio Moreira. Assim, em *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*, o autor propõe-se a “traçar um mapa dos estudos sobre currículo, desde a sua gênese, até às atuais teorias pós-críticas”.

Com uma linguagem clara, objetiva e didática, a obra é construída sob a forma de textos interdependentes, numa sequência lógica e cronológica dos acontecimentos e posicionamentos de diferentes teóri-

cos, fazendo um gancho com as teorias tradicionais, passando pelas teorias críticas e chegando às teorias pós-críticas. Nessa sequência, é presente um fio condutor que considera o currículo como uma “questão de saber, poder e identidade”, permitindo um encadeamento natural entre os textos. Ao final de cada texto são referidas as leituras que o subsidiaram, constituindo referencial significativo ao leitor.

Inicialmente, o autor faz uma reflexão sobre o que é teoria, elemento necessário para se discutir uma teoria de currículo. Estabelece uma relação entre discurso (enunciado), teoria e realidade e afirma que as diversas teorias de currículo têm a mesma preocupação central: que conhecimento? Que saber? Todas procuram selecionar, agrupar, enfatizar determinados conheci-

¹ Resenha baseada no livro de SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156p.

² Aluna do mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo e professora da UPF e do Centro Regional de Educação.

mentos em detrimento de outros. Delineiam também o tipo de conhecimento de acordo com o tipo de homem e de sociedade que se deseja. Portanto, há um tipo de conhecimento para cada “modelo” de homem e de sociedade. Logo, a “identidade” do currículo é o reflexo da “identidade” do homem e da sociedade porque não se separa o conhecimento das nossas crenças, das nossas vivências, enfim, daquilo que somos.

O autor refere que tanto as teorias tradicionais como as teorias críticas e pós-críticas têm diferentes formas de conceber o conhecimento. Historicamente, os modelos tradicionais foram contestados com a explosão das teorias críticas, que, a partir da década de 1960, questionam o *status quo* mantido pelas teorias tradicionais. Apresenta uma cronologia de obras e autores que desencadearam essa explosão, essa eferescência, iniciando pela análise das teorias crítico-reprodutivistas. Ressalta a importância das teorias críticas e dos teóricos Althusser, Bourdieu e Passeron, Bowels e Gintis para a construção de uma nova ótica nas teorias curriculares e para a ruptura com as teorias tradicionais.

A partir disso, aponta Tomaz Tadeu da Silva, cresce uma nova onda de contrariedade às concepções tradicionais de currículo, baseadas nos modelos de Tyler e Bobbit. Tais concepções são inspiradas pelas teorias sociais: fenomenologia, hermenêutica, marxismo, teoria crítica da Escola de Frankfurt. O currículo, na perspectiva fenomenológica, considera simplesmente as experiências do cotidiano como fonte e espaço de aprendizagem e tem sido analisado por alguns intelectuais numa perspectiva fenomenológico-hermenêutica e fenomenológico-autobiográfica. Essas

visões contrariam a forma racionalista tradicional. No entanto, segundo o autor, ambas acabam por adquirir um caráter extremamente subjetivo e individual e, por não se combinarem com a forma tradicional de organização do currículo, acabam por se referir essencialmente à área de formação docente.

Já Michel Apple aponta para a importância da ação humana como mediadora das estruturas que estão postas na sociedade. As ações das classes dominantes não levantam a possibilidade de se considerar o seu conhecimento como falso ou ilegítimo, uma vez que isso já está posto e definido como certo e inquestionável. Por isso, Apple julga importante um currículo que tensione as relações, que permita o afloramento das contradições, da ambigüidade, das resistências subjetivas, questionando e expondo, assim, as relações de poder. Segundo o autor, Apple contribui para a politização das teorias sobre currículo. Seguindo os passos de Apple e influenciado pela Escola de Frankfurt, Henry Giroux aprofunda as discussões sobre a questão da cultura como resultado das ações de todos os humanos, percebendo o currículo como espaço de produção de significados sociais e, conseqüentemente, culturais, ligados a relações de poder e de desigualdade. Tanto Apple quanto Giroux buscam saídas para o pessimismo e para o determinismo imobilista das teorias crítico-reprodutivistas. Giroux acredita em ações de resistência que podem trabalhar contra os desígnios do poder e do controle, tendo o currículo o papel de emancipar e de libertar.

O autor refere também como importantes as concepções de Paulo Freire, especialmente aquelas expressas na obra *Pedagogia do*

oprimido, quando aponta para a educação problematizadora, na qual todos os sujeitos estão envolvidos no ato do conhecimento. O conteúdo brota das experiências dos envolvidos, percebendo-se aí uma visão fenomenológica. Freire partilha da idéia de cultura como produção humana de todos. Nesse aspecto, os estudos de Freire antevêm os estudos culturais e o multiculturalismo. Faz, também, uma crítica às teorizações de Dermeval Saviani por não estabelecer conexão entre conhecimento e poder. Na concepção de Tomaz Tadeu da Silva, essa teoria se aproxima mais das teorias tradicionais, exceto pela sua intenção crítica.

O movimento da Nova Sociologia da Educação (NSE), cujos teóricos são Young, Bourdieu e Bernstein, propõe o desenvolvimento de uma sociologia do conhecimento, delineando uma sociologia do currículo, buscando estabelecer conexões entre currículo e poder, entre o porquê do conhecimento e qual poder fez com que o conhecimento fosse desta ou daquela forma. Segundo Young, mexer com a estrutura curricular é também mexer com a estrutura do poder. Apesar de a NSE se ter desvirtuado em razão das políticas neoliberais, o autor considera que essas contribuem com os estudos culturais e com o pós-estruturalismo. Já, para Bernstein, o currículo estrutura e é estruturado por um código implícito destinado às diferentes instâncias da sociedade. Segundo Tomaz Tadeu, a teoria de Bernstein, apesar de difícil compreensão, fornece pistas sobre o papel da escola (e do currículo) no processo de reprodução social e cultural.

O «currículo oculto» discutido pelas teorias críticas é expresso, ou melhor, não é expresso, é subjacente às relações, às estruturas da escola, reforçando ou rompen-

do com o *status quo* da classe dominante e da sociedade capitalista. Segundo o autor, o seu desvelamento, o seu afloramento no nível da consciência, constituiu passo fundamental para a ruptura ou para a manutenção de sua intencionalidade. A idéia de currículo oculto teve um papel importante na constituição das teorias críticas, embora hoje esteja desgastada pela sua banalização e pelo escancaramento do currículo posto a serviço das idéias capitalistas.

Ao discutir as idéias do multiculturalismo, o autor de *Documentos de identidade* denuncia que elas têm sido usadas de forma ambígua, mascarada, acabando por reforçar as relações de poder vigentes: ao serem usadas no sentido de homogeneização, igualdade, enfraquecem-se as «resistências» à cultura nacional dominante (EUA). O multiculturalismo hoje existente no mundo capitalista é resultado das relações de poder que se estabeleceram entre colonizadores e colonizados. No entanto, vem se transformando em instrumento de luta política na medida em que coloca as diferentes culturas no mesmo nível. Existem diversas correntes dentro do multiculturalismo, mas, no que concerne ao currículo, deve-se colocar em xeque, em constante questionamento, a razão das diferenças, ao invés da aceitação e tolerância pura e simples, pois a tolerância e o consenso muitas vezes mascaram a subserviência. O multiculturalismo, na acepção do autor, requer uma mudança substancial no currículo, uma vez que nada do que aí está posto pode ser privilegiado. Aprofunda-se nas questões de gênero, raça etnia, sexualidade. Ao se discutir essas relações, afloram novas relações de poder que estruturam a sociedade, além do poder econômico (capitalista), como o

poder social do homem (gênero masculino), através do patriarcado.

Em vista disso, o autor levanta, com muita propriedade, o questionamento sobre a possível ótica masculina, como gênero dominante, na estruturação do pensamento e do próprio conhecimento ocidental. Por consequência, surgem novas pedagogias, como a pedagogia feminista e a pedagogia *queer* (estranho). Os avanços nessa discussão não podem negar a consideração das questões de gênero, raça, etnia, sexualidade na construção do currículo, não como elementos que se somam, mas como elementos que se inter-relacionam, formando uma teia, um complexo que requer a sua problematização. Nesse sentido, tanto a identidade quanto a diferença são resultados de um processo relacional, histórico, discursivo. Toda essa complexidade situada, imbricada entre conhecimento, identidade e poder, ganha espaço no currículo escolar através das teorias pós-críticas. Se as estruturas sociais estão impregnadas das sutilezas que compuseram um quadro discriminatório, muitas vezes imperceptível, novas teorias curriculares terão de fundamentar um currículo que problematize, questione e abale essas estruturas, concebendo uma identidade histórica, contingente e relacional.

Um aspecto a salientar é a afirmação do autor de que raça, etnia, sexualidade não podem ser tratadas como «temas transversais» do currículo, uma vez que são o próprio currículo. São, ao mesmo tempo, construtores e construídos pelo currículo. Não são, portanto, elementos estranhos a ele.

Ao analisar o pós-modernismo, Tomaz Tadeu da Silva afirma que este traz novas e profundas implicações curriculares, rom-

pendo definitivamente com as teorias tradicionais, instaurando as teorias pós-críticas, em detrimento das teorias críticas, que apontam e questionam as mazelas do pensamento moderno. As teorias pós-críticas vão além: questionam o próprio pensamento moderno, propondo uma ruptura com os seus conceitos, instaurando, enfim, o fim das metanarrativas, ou seja, o fim do «falar sobre» aquilo que já está posto. A isso se somam as discussões do pós-estruturalismo, que radicaliza a crítica do sujeito, do humanismo e da filosofia da consciência e do pós-modernismo, que remete à reestruturação de uma época. Porém, ambos questionam as concepções, as relações, as estruturas e a própria razão da existência de um currículo. Alinhado a esses «pós», o pós-colonialismo discute a concepção ocidental de poder e conhecimento, presentes na existência de um Outro diverso do europeu colonizador. Aqui Tomaz Tadeu «prega» um currículo *descolonizado*.

Ao historiar sobre a evolução dos chamados Estudos Culturais, o autor expõe os seus pressupostos básicos, enfatizando a cultura como processo de produção de significados e como instrumento de luta pelo poder. Ou melhor, «situam-se na conexão entre cultura, significação, identidade e poder». Logo, os estudos culturais permitem que o currículo seja concebido como um espaço de luta em torno da significação (e do próprio conhecimento) e da identidade. Nesse sentido, o conhecimento, em constante produção, envolve dois aspectos: o amplo (socialmente elaborado) e o restrito (cotidiano, empírico), os quais, segundo o autor, deveriam se equiparar. Os estudos culturais e as demais teorias pós-críticas vêm contribuindo para novas con-

cepções em educação, no entanto seu conhecimento, discussão e consideração é ainda muito restrito no currículo das escolas.

Relevante é a análise feita pelo autor em relação à influência das pedagogias amplas (caracterizadas pela indústria cultural e pela cultura de massa, como os meios de comunicação e as estruturas capitalistas hegemônicas) sobre a pedagogia escolar, constituindo mais um componente que se imbrica na produção de identidades e nas relações de poder. A crítica curricular passa também a ser a crítica cultural.

Concluindo, o autor afirma que tanto as teorias críticas quanto as pós-críticas promovem um abalo profundo nas estruturas conceituais de currículo até então vigentes. Na verdade, o currículo veiculado nas escolas possui múltiplas faces e nenhuma identidade. Essa identidade só será real no momento em que o currículo se autoconstruir: o currículo é a vida, a vida é a identidade; logo, a identidade é o que nos constrói. Assim, estabelece-se um círculo: construímos o currículo a partir do que somos, do que pensamos, do que acreditamos, e o currículo constrói o que somos, o que pensamos e o que acreditamos. A ruptura desse círculo envolve uma questão de poder: o poder de se forjar um currículo para um modelo de homem e de sociedade que se quer construir. Ou o currículo constitui o traçado que

nos construirá, ou sendo o documento de identidade, o retrato daquilo que somos e daquilo que seremos.

Documentos de identidade é um desafio à ousadia, uma vez que a tolerância e o consenso não levam à ruptura. É uma obra que elucida questões, traduz posições de outros e firma as posições próprias do autor em diferentes momentos ao longo dos diversos textos, como os constantes questionamentos sobre qual currículo, qual conhecimento, em meio ao emaranhado teórico das teorias críticas e pós-críticas. No entanto, a grande questão posta pelo autor ao longo da obra é a de que é irreversível a fratura, a ruptura, no âmbito do campo teórico, em relação às posturas ligadas à modernidade, ao capitalismo. O currículo passa a ser o estabilizador das mudanças, questionando o até então inquestionável.

Enfim, *Documentos de identidade* é uma obra de leitura acessível, simples em meio à complexidade, sintética embora profunda e ampla, uma vez que fornece um mapa bem definido sobre as teorias curriculares a partir da década de 1960 do século XX, através de uma sequência de textos curtos e bem encadeados, obedecendo a uma cronologia. Sua leitura é deveras significativa para os que desejam perceber a efervescência das idéias que circulam na pós-modernidade e para quem quer resgatar a sua própria identidade.